

## O GÊNERO NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM: EVIDÊNCIA DO CRITÉRIO SEMÂNTICO EM NOMES DE ANIMAIS

Rafaely Carolina Cruz<sup>194</sup>

Resumo: O presente trabalho pretende investigar a marcação da categoria gramatical *gênero* em substantivos que nomeiam animais feita por crianças que estão aprendendo o português como língua materna. Sabemos que a distinção de gênero no português brasileiro é feita de forma binária: feminino e masculino, além disso, um dos critérios para a classificação dos substantivos em uma destas duas categorias se dá pela anteposição dos artigos (“o” e “a”) nas palavras. Outro critério é estabelecido de acordo com relações semânticas, como por exemplo, a associação entre gênero biológico e gênero gramatical, principalmente em substantivos animados. Para alguns estudiosos da língua como Lyons (1979), Camara Jr (1975), Bechara (2009) e Silva (2004) existe uma inconsistência entre o gênero gramatical ao ser tratado pela perspectiva semântica, sendo impossível justificar a razão de *lápiz*, *papel*, *tinteiro* serem masculinos enquanto *caneta*, *folha* e *tinta* são femininos. Apesar disso, verificamos que nos anos da infância é comum que os aprendizes recorram a recursos semânticos para classificar o gênero, principalmente quando se trata de nomes de animais. Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa é elencar e analisar dados de fala espontânea de crianças nativas do português brasileiro, verificando as atribuições realizadas por esses falantes ao abordar nomes de animais. Para tanto, construímos um *corpus* a partir das gravações de uma menina integrante do *Projeto de Aquisição da Linguagem*, do Instituto de Estudos da Linguagem IEL/UNICAMP. Nossos dados apontam que já nos anos iniciais o falante atribui aos substantivos a qualidade de feminino ou masculino fundamentadas no critério semântico, além disso, nessa idade o falante é capaz de utilizar o recurso da analogia para construir signos linguísticos.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem. Português brasileiro. Gênero feminino e masculino.

Abstract: This work intends to investigate the marking of the grammatical gender category in nouns that name animals made by children who are learning Portuguese as their mother tongue. We know that the gender distinction in Brazilian Portuguese is made in a binary form: feminine and masculine; in addition, one of the criteria for classifying nouns in one of these two categories is given by the precedence of the articles ("o" and "a") in words. Another criterion is established according to semantic relations, for example, the association between biological gender and grammatical gender, mainly in animated nouns. For some linguistics such as Lyons (1979), Camara Jr (1975), Bechara (2009) and Silva (2004) there is an inconsistency between the grammatical genre when treated by the semantic perspective and it is impossible to justify the reason of *pencil*, *paper* and *inkwell* being masculine while *pen*, *leaf* and *ink* are feminine. In spite of this, we find that in the years of childhood it is common for learners to use semantic resources to classify the genre, especially when it comes to animal names. In this perspective, the objective of this research is to list and to analyze spontaneous speech data of native

<sup>194</sup> Mestranda em Linguística, Unicamp, e-mail: [rafaely\\_cruz@hotmail.com](mailto:rafaely_cruz@hotmail.com). Financiamento: Capes.

Brazilian Portuguese children, verifying the attributions made by these speakers when addressing animal names. To do so, we constructed a *corpus* based on the recordings of a girl who is part of the *Language Acquisition Project* of the Institute of Language Studies IEL / UNICAMP. Our data indicate that even in the initial years the speaker assigns the nouns the quality of feminine or masculine based on the semantic criterion, in addition, at that age the speaker is able to use the analogy to construct linguistic signs.

Keywords: Language acquisition. Brazilian portuguese. Female and male gender.

## INTRODUÇÃO

O campo dos estudos aquisicionais sempre foi uma área de potencial crescimento, afinal, o “mistério” a respeito de como o *infans* passa ao estado de falante desperta curiosidade de cientistas de diversas áreas. Há na literatura indícios de que os primeiros registros feitos com fala infantil foram os dos diaristas (SCARPA, 2012; PEREIRA DE CASTRO e FIGUEIRA, 2006), que pretendiam registrar e analisar a fala das crianças.

Além do lápis e papel dos diaristas, existem outras maneiras de fazer o registro da fala da criança, exemplo disso é o *Projeto de Aquisição da Linguagem* do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. O projeto conta com áudios de dez crianças gravadas a partir do segundo ano de vida até os cinco anos, além disso, as gravações e suas respectivas transcrições estão disponíveis online no *Centro de Documentação Cultural* (CEDAE). A partir dos áudios e das transcrições é possível verificar como se dá o processo de aquisição por uma criança, bem como verificar diversos fenômenos de fala.

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é analisar a manifestação do gênero (feminino e masculino) em substantivos que designam animais. O *corpus* apresenta dados de fala espontânea extraídos das gravações e transcrições de RA, uma menina integrante do *Projeto de Aquisição da Linguagem*.

## O GÊNERO NA LITERATURA

Para Lyons (1979), o termo “gênero” vem do latim *genus* e é derivado de uma palavra que quer dizer classe ou tipo, e que os três gêneros do latim e do grego eram classes reconhecidas pela gramática. Nesse sentido, na perspectiva gramatical, os substantivos eram divididos nesses três tipos com intuito de atender aos fenômenos da referência pronominal e também a concordância com o adjetivo, mesmo assim, o autor destaca que é comum associações semânticas para a determinação do gênero, desde

textura, animacidade, até associação ao sexo biológico. Na mesma perspectiva, Camara Jr (1970, 1972 e 1975) e Silva (2004) destacam a recorrente associação do gênero biológico ao gênero gramatical, afirmando que essa relação pode ser incongruente para diversos substantivos. No mesmo sentido, Bechara (2009) afirma que:

a distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos lápis, papel, tinteiro e femininos caneta, folha e tinta. A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, *o sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, *a lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.). Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados epicenos (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados comuns de dois, distinguidos pela concordância: *o / a estudante*, *este / esta consorte*, *reconhecido / reconhecida mártir*, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados sobrecomuns, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o algoz*, *o carrasco*, *o cônjuge*. (BECHARA, 2009, p. 158)

É pensando na nominação dos seres animados que os dados de RA apontam para um movimento de sistematização implicada na relação semântica do gênero gramatical com o gênero biológico.

Entendemos a aquisição de língua materna como um processo constante constituído a partir de sua interação com o outro. Nossa perspectiva teórica é pautada na linha interacionista cunhada por Cláudia de Lemos (1982, 1992, 1999, 2002, entre outras) que lança olhar para a fala da criança tomando o diálogo como unidade de análise.

Além disso, nossa visão acerca do processo de aquisição considera o “erro” como evidência empírica do processo de captura da criança pela língua; é a partir dele que o linguista consegue verificar as mudanças de posição do sujeito em relação à língua. De acordo com Figueira, “tais cunhagens espontâneas exibem uma parte do conhecimento linguístico em vias de aquisição pelos falantes” (FIGUEIRA, 1995, p. 53), fato que não conseguimos observar no acerto infantil, pois ele pode ser apenas uma “fala especular” reflexo do discurso do interlocutor. Sendo assim, os episódios apresentados são resultado de formações “divergentes” feitas pela criança, chamadas de “erros” sem qualquer carga

negativa.

Os nomes de animais constituem a classe dos substantivos no português brasileiro; para Carvalho (2007), o conceito de substantivo é “a palavra invariável que dá nome a seres ou a objetos concretos e a seres ou a noções abstratos, e cujo semantema, por oposição a verbo, tem valor estático. Ex.: Pedro, lápis, saci, bondade.” (p. 153). Assim, a distribuição dos nomes em português é separada em masculino e feminino, no caso dos seres animados é comum a associação ao sexo, isso implica em dizer uma possível intenção de tratar linguisticamente esses nomes pelo critério biológico. Como veremos, na aquisição de linguagem não é diferente.

## ANÁLISE DE DADOS

Os dados abaixo ilustram o momento em que a criança trata a marcação de gênero em nomes de animais como algo relacionado ao gênero natural, ou seja, o sexo do ser ao qual está nomeando.

### **Episódio 1:**<sup>195</sup>

(Mãe e criança folheando um livro de figuras em que aparece um papagaio)

M: Você conhece papagaio?

RA: **Papagaia**

M: Você conhece papagaio? RA: **Papagaia**

M: Ah! É papagaia. Tem um papagaio na escolinha?

(minutos depois)

M: Nossa que beleza... O que que é isso? RA: **Papagaia**

M: Papagaia? É uma ave de pena comprida, né?

RA: Ela ta masucada

(RA 2;02.02)<sup>196</sup>

O dado acima aponta para um momento em que mãe e criança estão lendo um livro que contém figuras de aves. Ao questionar se a criança conhece a ave papagaio, a mãe é surpreendida por RA, que responde mudando a estrutura morfológica do substantivo “*papagaia*”; a mãe insiste na pergunta e a menina responde da mesma forma.

<sup>195</sup> Os episódios apresentados integram parte de um conjunto de dados da dissertação de mestrado da autora.

<sup>196</sup> A notação para idade é representada pela idade em anos, meses e dias. Assim esse dado corresponde a idade de 2 anos, 2 meses e 2 dias.

Assim, a mãe incorpora parte da fala da criança e prossegue o diálogo. Na mesma gravação, minutos depois a menina ainda insiste na marcação feminina para o substantivo, mais do que isso, ela constroi uma sentença utilizando o pronome feminino *ela* para substituir *papagaia*, e ainda concorda corretamente os termos ao atribuir à ave a condição de estar *machucada*.

Ocorrências dessa natureza fornecem indícios do movimento de captura da criança pela língua, afinal a criança se mostra sensível com a categoria do gênero na estrutura da língua para se referir a nomes femininos. A maneira como RA realiza *papagaia* é condizente com o que Camara Jr (1975) descreve sobre a formação do feminino no português, fazendo a supressão da vogal temática “-o” e a substituindo por “-a”, assim como acontece em *gato* e *gata*, *coelho* e *coelha*, *pato* e *pata*, entre outros exemplos da língua.

### **Episódio 2:**

(Mãe e filha brincando com jogo de encontrar filhotes)

RA: Óia ati (rindo), **o cisno** é esse

M: O “cisno”?

RA: O cisne, o cisne é esse M: O cisne é esse

RA: O patinho é esse

M: Esse é o cisninho (ri)

RA: Cisninho

M: É

RA: E esse cisnã

M: Cisnã (ri) (SI) é a mamãe, é mamãe do, do, do cisne, né?

RA: É, é mamãe do cisne

(RA 2;03.28)

Quando tomamos o diálogo todo como objeto de análise, percebemos o estranhamento da mãe em relação ao primeiro turno de fala da criança “*óia ati (rindo), o cisno é esse*”, a menina por sua vez percebe que o que foi falado não caiu bem aos ouvidos da mãe e continua: “*O cisne, o cisne é esse*”, agora usando o substantivo adequado. É possível levantar a hipótese de que a criança recorreu ao determinante “o” no seu segundo turno para nomear novamente o animal, afinal cisne, terminado em “-e” não reflete explicitamente o padrão opositivo entre “- a” e “-o” para feminino e masculino

respectivamente.

Outro ponto que é importante notarmos nesse exemplo é que a criança não oscila em relação ao gênero da ave, mas flexiona o nome para diminutivo - “*cisninho*” e aumentativo - “*cisnã*”, talvez o primeiro como sequência/repetição/espelhamento da fala de sua mãe, porém o segundo é feito de forma espontânea em que a criança está sujeita ao movimento da língua. Não é preciso dizer que para o adulto *cisne* deu lugar a *cisninho* repetido pela criança. Isso é registrado diferentemente do que diz a norma, cuja flexão de grau para cisne seria *cisnezinho* e *cisnezão*, porém, é feito dentro dos limites permitidos pela língua.

### **Episódio 3:**

(Durante gravação, criança e mãe são surpreendidas pela presença de uma aranha)

M: Um morango nesse, nesse livro, né?! Eu, eu pensei que ce tivesse com o peitinho atacado de bronquite, viu. Por isso que eu falei pra você respirar, mas não é, não

RA.: Olha **um alanho** lá!

M.: Uma o quê?

RA.: **Um alanho**. Lá embaixo.

M: Que que é aranho? Ah uma aranha? É mesmo tem uma aranha lá. Vamo matá ela?

RA: Cuidado que ela te morde

(RA 2;09.30)

Nesse episódio, ocorre a alteração do nome aranha, que é um aracnídeo, cuja classificação se dá como um substantivo feminino. Ao ser surpreendida pela presença do bichinho, RA exclama que existe “*um aranho*”, ou seja, utiliza de um determinante masculino que concorda com a terminação em “-o” do nome, a mãe questiona e a menina reafirma que há a presença do *aranho*. Quando a mãe percebe sobre o que a menina falava, ela confirma “*É mesmo tem uma aranha lá. Vamo matá ela?*”; a partir dessa fala, a criança deixa de tratar o animal como masculino e aconselha a mãe tratando a aranha pelo pronome pessoal feminino “*ela*”: “*Cuidado que ela te morde*”.

Os episódios seguintes são semelhantes ao “*aranho*”, em que a criança altera um nome que é considerado pela norma como feminino e ela trata como masculino.

**Episódio 4:**

(Mãe questionando RA sobre os sons que os animais fazem)

M: O que que é isso, é aquilo que faz assim “béééé”

RA: Béééé

M: O que que é isso?

RA: Faiz assim: béééé

M: É, o que que é isso? Car- ne- RA: **la**

M: Carneirinho

RA: Caneilinho

(RA 2;04.19)

Quando a mãe produz a onomatopeia referente aos sons produzidos pelos carneiros e questiona a criança sobre o assunto, inicialmente ela responde com o próprio som: “bééé”, não sendo a resposta esperada pela mãe, que, desse modo, se vale de outros recursos, no caso a silabação da palavra carneiro, no intuito de fazer com que a criança chegue à resposta esperada. A partir disso, RA atende, parcialmente, às expectativas da mãe, uma vez que completa o nome como se “*carneira*” fosse o par feminino do carneiro.

Nas maneiras que Carvalho propõe a formação do feminino, temos que:

Certos nomes são usados apenas no masculino; o feminino semanticamente equivalente passa a ser uma forma vicária, ou substituta, que por sua vez, também só é usada no feminino.

homem- mulher, bode- cabra, zangão- abelha, cavalo- égua, cavalheiro- dama, compadre- comadre, frade- freira, frei-sóror, genro- nora, marajá- marani, touro- vaca, rajá- rani, cão- cadela... (CARVALHO, 2007, p. 157)

A forma feminina que emerge da fala da criança, portanto, segue o padrão da língua citado anteriormente, retirando a vogal “-o” e acrescentando a vogal “-a”. Apesar de essa ser a forma mais recorrente no português, em alguns casos ela não se aplica, como por exemplo, nas formações feitas por heteronímia. Esse tipo de “erro” também aparece no episódio seguinte.

**Episódio 5:**

(Criança contando historinha para a mãe)

RA: E daí **o abelhinho**, foi andá/ andá/ andá co Bernardo e Bianca, e o gato malvado foi lá

M.: comeu?

(RA 3;09.04)

Na fala adulta, não é comum ouvirmos “abelho” ou “abelhinho”, o registro do dicionário em relação à abelha diz que o nome é um substantivo feminino, além disso afirma que o masculino é um zangão. Como vimos acima na citação de Carvalho (2007) esses substantivos constituem seus pares semanticamente equivalentes a partir de heteronímia. Dessa forma, *abelho* e *abelhinho* surgem na fala da criança como inovações permitidas pela língua.

O próximo episódio também mostra um exemplo de pares feminino-masculino que são manifestados na língua por palavras diferentes.

### **Episódio 6:**

(Mãe e criança conversando sobre o que é feminino e masculino)

M.: a estrela é homem ou é mulher?

P.: SI

RA.: home/ home (sussurra)

RA.: porque mulher num/ nu/ num/ num é **cavala** (MIA) e égua

M.: (breve riso)

RA.: égua

M.: mais a estrela não é égua?

RA.: SI

M.: é homem? É cavalo?

M.: Hum! Tá legal!

M.: você qué dormi?

(RA 3;09.12)

O episódio seis foi registrado poucos dias mais tarde que o episódio cinco, porém já aponta para uma maior sensibilidade da fala de RA em relação ao gênero das palavras associadas aos animais. Nesse dado, RA estava conversando com a mãe, pouco antes de dormir. Ao ser questionada sobre a estrela, a menina a chama de *homem*, o que para nós é tido como substantivo feminino. Até então, essa variação já era recorrente na fala da criança, como foi visto nos dados anteriores. Na expectativa de que a criança continue alterando o gênero das palavras, ela continua sua reflexão, e isso faz com que a pesquisadora se surpreenda com o pensamento dela, pois ela disse que *mulher* não é *cavala*, é *égua*.

Nesse ponto, é possível levantar a hipótese de que a criança já está sensível aos acontecimentos da língua (ainda que isso seja de certa forma inconsciente<sup>197</sup>). De fato, na fala adulta, tratamos como par do sexo oposto ao cavalo a égua, porém, vimos que em período anterior a criança ainda não produzia nomes de animais a partir da heteronímia, como mostrado no episódio quatro.

A título de curiosidade, é interessante destacarmos que também há registro no dicionário da forma “cavala”, que é definida como substantivo feminino cuja a atribuição é ser um peixe marinho comestível, portanto, a construção “cavala” não configura um erro de acordo com a norma, mas acreditamos que com esse sentido a palavra “calava” não é recorrente no universo infantil.

### **Episódio 7:**

(Criança enrolando o chiclete como se fosse massinha de modelar)

M: Que cê tá fazeno com o chiclete?

RA: Tô.. Tô fazeno uma coisinha

M: Que coisinha? Wh?

RA: Um **cobrinho** assim

M: Um o que?

RA: Um (MIA) um menininho

M: Um cobrinho

(RA 3;00.07)

Esse dado especificamente nos mostra a relação direta entre gênero biológico associado ao gênero gramatical. Uma vez que ao ser questionada pela mãe sobre o que estava fazendo, a criança responde que era um menininho, portanto, “*a coisinha*” que ela estava fazendo configurava algo do universo masculino, não poderia ser chamada por nomes que designassem feminino como *cobra* ou *cobrinha*, mas sim no masculino, como ela mesma caracteriza “*um cobrinho*”.

O substantivo “*cobra*” é um exemplo recorrente na gramática para ilustrar casos de epícenos, aqueles que apresentam a mesma forma para designar tanto a versão feminina quanto a masculina. Quando é necessário evidenciar essa diferença se acrescenta

---

<sup>197</sup> Não atribuímos à criança a noção de consciência e intencionalidade no processo de aquisição da língua.

a palavra macho ou fêmea. Nesse caso, porém, não foi o que RA fez, ela construiu o masculino flexionando para o diminutivo e acrescentando a partícula “-a”.

Como foi apresentado acima, a fala de RA nos mostra um campo fértil para a questão do conflito entre gênero gramatical e biológico. Com intuito de ilustrar que a marcação de gênero divergente nos nomes de animais é recorrente, na sequência, mostraremos episódios de quatro crianças. Os dados foram retirados de Santos (1997), mas estão citados em Figueira (2001), que estudou a marcação divergente de gênero na fala infantil dentro da mesma perspectiva apontada neste trabalho.

(As crianças em círculo- hora da rodinha- contando o que fizeram no final de semana.)

P: Fala Carolina!

C: Eu fui no hotel e eu vi uma **gala** botar um ovo.

(2;05.12)

(Mesmo contexto anterior.)

P: E você Bruno, o que você fez no fim de semana?

B: Fui no sítio. Tinha pato, pata, boi, **bóia**.

(Raphael responde)

R: No meu sítio tem bode, **boda**, porco, porca.

(2;03.12)

(A professora e as crianças estão confeccionando um painel sobre animais.)

R: Amanhã vou trazer um urso.

P: Ótimo Raphael, quem mais vai trazer bichos amanhã?

(Mateus se precipita.)

M: Eu vou trazer a foto da minha **cavala**.

(2;05.15)

(SANTOS 1997, *apud* FIGUEIRA 2001)

As construções feitas pelas crianças do exemplo acima, como “*cavala*” e “*boda*”, são semelhantes às de RA mostradas anteriormente. O que há de novo no dado acima é a construção para o feminino de “*galo*” que não foi feito por meio do fenômeno da derivação, mas sim apenas acrescentando a partícula “-a”, como se fosse apenas uma flexão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ligada à categorização formal do gênero, aparece a categorização semântica, que trata da relação entre o gênero natural, ou biológico do referente. Essa categorização acontece de acordo com a representação dos objetos do mundo por suas propriedades. Para Camara Jr. (1972), o gênero é tratado de modo confuso e incoerente nas gramáticas, e um dos motivos disso é a incompreensão semântica de sua natureza, por ser associada ao sexo dos seres.

Na mesma perspectiva, quando se trata da marcação do feminino e masculino para seres animados, é comum que a criança atribua essa marcação a seres que a gramática normativa trata de forma genérica.

Os dados apresentados, embora sejam do contexto de fala infantil, sustentam a teoria do conflito entre o gênero natural e gramatical. Além disso, corroboram demais estudos acerca do gênero na aquisição de linguagem. Apesar de serem configurados como desvio da norma padrão, no contexto de aquisição da língua materna, eles aparecem como inovações lexicais, formas analógicas que a língua permite que sejam construídas.

No processo de aquisição de linguagem, a designação de gênero para seres animados, no caso nomes de animais, pode ser realizada com êxito pela criança ao estabelecer a relação entre gênero natural e gramatical. Afinal, assim como Luft (1978) diz que a categoria *gênero* é linguisticamente facultativa, o exemplário acima nos mostra que essa escolha pode acontecer dentro dos limites permitidos pela língua.

## REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. São Paulo: Nacional, 2009.
- CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Considerações sobre o gênero*. In: Dispersos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- \_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CARVALHO, José Augusto. *Gramática superior da Língua Portuguesa*. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.
- DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. *Sobre aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original*. Boletim da Abralín, 1982, 3, p.97-126.

\_\_\_\_\_. *Processos metafóricos y metonímicos como mecanismo de cambio*. Substratum, 1992, 1, p.121-135.

\_\_\_\_\_. *Sobre interacionismo*. Letras de Hoje, Porto Alegre v.34, n3, p.11-16, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sobre fragmentos e holófrases*. COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 3., 2002, São Paulo. Anais eletrônicos. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300005&script=s\\_ci\\_arttext&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300005&script=s_ci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 11 Fev. 2018.

FIGUEIRA, Rosa Attié. *A palavra divergente: previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais da fala de duas crianças*. In: Trabalhos de linguística aplicada, Campinas: Editora da Unicamp, v. 26. p.49-80, 1995

\_\_\_\_\_. *Marcas Insólitas na Aquisição do Gênero. Evidência do fato autonímico na língua e no discurso*. Linguística, São Paulo, v. 13, p. 97-144, 2001.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

SANTOS, Patrícia. *A construção dos significados: um caminho possível*. Londrina: Ed EL, 1997.

SCARPA, Ester Mirian. *Aquisição da Linguagem*. In: Mussalim, Fernanda; Bentes, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: Domínios e fronteiras*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2012. v. 2, p.241-271.

SILVA, Joaquim Pereira. *A questão polêmica da flexão de gênero (Alguns textos básicos para sua discussão)*. 1ed. Rio de Janeiro, 2004.